

Soros diz que juros altos do Brasil são "inviáveis"

Declaração do investidor ajudou a deixar os mercados mais nervosos ontem

MONICA YANAKIEW

Especial para o Estado

NOVA YORK— Foi só o ministro da Fazenda, Pedro Malan, deixar Nova York, para George Soros — um dos integrantes do seito grupo de 12 grandes investidores que se reuniu com ele na véspera, na sede do Federal Reserve em Nova York — romper o silêncio. Ontem, num dia em que o governo esperava ver os mercados comemorarem sua vitória no Congresso, Soros ignorou a tão esperada aprovação de parte do ajuste fiscal para colocar o dedo em outra ferida da economia brasileira. Ele criticou as taxas de juros, mantidas propositalmente altas para evitar o ressurgimento da inflação, considerando-as "inviáveis".

A declaração de Soros — considerada por muitos operadores financeiros "mais uma frase de efeito" do homem que especulou contra a libra esterlina, a ponto de obrigar a Grã-Bretanha a desvalorizar a moeda e agora propõe controlar os capitais voláteis — foi apenas a gota d'água. O mercado reagiu mal, apesar da demonstração tardia de apoio do Congresso brasileiro ao governo. "Foi uma vitória para o Brasil, sem dúvida, mas para nós significa pouco — apenas um curativo numa ferida muito maior", disse um operador.

Ontem todos estavam de olho na saída de dólares do Brasil e na falta de capacidade do País de atrair divisas estrangeiras, apesar das elevadas taxas de juros. Já de manhã, muitos apostavam numa intervenção do Banco Central para controlar a desvalorização do real.

Segundo Arturo Porzecanski, economista-chefe para as Américas do banco de investimentos ING Barings, o mercado já percebeu que os dólares saindo do Brasil não pertencem ao BC nem representam uma

fuga de capital.

Como explicou o próprio Malan, são recursos dos bancos privados para pagar suas obrigações. "Mas agora o temor é de que se todos os dias saírem US\$ 300 milhões, os bancos privados ficarão sem dólares", explicou Porzecanski. "Como não tem dinheiro entrando, o BC pode acabar tendo de vender seus dólares aos bancos privados."

Porzecanski, como outros, prevê um período difícil para o Brasil: o País sequer conta com o dinheiro das privatizações deste ano, porque a entrada dos dólares da venda da Telebrás foi antecipado para 98, quando o BC precisava de reservas para defender o câmbio do real. Mesmo assim o economista do ING Barings é otimista: "Vão ser dois ou três meses de incerteza, mas com o tempo a situação vai se estabilizar: com o real a US\$ 1,70, as importações vão cair e as exportações vão aumentar, o que ajudará o governo a reduzir seu déficit comercial."

Outro fator que ontem contribuiu para a reação negativa do mercado

ECONOMISTA DO ING BARINGS NÃO VÊ FUGA DE CAPITAIS

foi um suposto relatório do banco de Investimentos Goldman Sachs, traçando um quadro pessimista para o Brasil. O diretor-gerente de Mercados Emergentes do banco, Paulo Leme, disse que "se trata apenas de uma análise

superficial, de um operador, enviada por correio eletrônico a outros operadores, que não reflete a posição da Goldman Sachs". A exemplo de Porzecanski, Leme aposta na capacidade do Brasil de estabilizar o real, mas muitos pensam o contrário.

Segundo Peter Egon de Svastich, presidente do banco de investimentos WestHam International, as mudanças abruptas da política cambial brasileira da última semana demonstraram "a falta de liderança do presidente Fernando Henrique Cardoso, que pode ser um homem muito bom e honesto, mas incapaz de controlar seu partido e quem o apóia no Congresso". Svastich diz que as previsões de uma inflação anual de no máximo 10% são otimistas demais e o mais provável é que se chegue a 15%.